

BEM-ESTAR DE FRANGOS DE CORTE EM FRIGORÍFICO DO OESTE DE SANTA CATARINA

Ana Cláudia Junges¹
Maike Feiten²
Patrícia Diniz Ebling³

INTRODUÇÃO: O consumo de carne de frango vem aumentando consideravelmente e com este crescimento também se vê uma maior preocupação com o bem-estar animal (BONAMIGO *et al.*, 2012). Atualmente os clientes das indústrias alimentícias exigem que os animais sejam criados e abatidos considerando a garantia do bem-estar, obedecendo as normas de bem-estar animal e as cinco liberdades propostas por Francis Brambell, livre de fome, sede, dor, sofrimento e sendo capaz de expressar seu comportamento natural (SANTOS, 2017). A garantia do bem-estar das aves começa desde as granjas de recria, seguindo no incubatório, alojamento nas granjas, transporte, chegada das aves ao abatedouro, pendura das aves e sangria. O não cumprimento das normas de bem-estar podem levar as aves a um quadro de estresse (ARAUJO, 2013). A ambiência e o manejo das aves no campo e dentro do frigorífico é uma tarefa coletiva, na qual várias pessoas estão ligadas diretamente, o não cumprimento de uma etapa das normas de bem-estar animal, desencadeia uma série de não conformidades, por este motivo, deve-se sempre orientar e treinar os funcionários para que os mesmos desenvolvam suas atividades corretamente, garantindo o bem-estar animal. Todo manejo do campo até a indústria é importante. **OBJETIVO:** Objetivou-se avaliar os aspectos do bem-estar animal dos frangos de corte após a chegada no frigorífico, bem como a capacidade dos funcionários em garantir o bem-estar das aves antes da sangria. **METODOLOGIA:** O levantamento de dados foi realizado no abatedouro de uma cidade do Oeste de Santa Catarina. Durante oito dias foram avaliados alguns parâmetros de bem-estar animal: temperatura ambiental, temperatura das caixas de transporte no caminhão, descarregamento das gaiolas, pendura das aves, insensibilização e ausência de aves mal sangradas no túnel de sangria. As avaliações foram realizadas no decorrer do terceiro turno de produção. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Ao chegarem no frigorífico, as aves são direcionadas para o galpão de espera, onde permanecem em um ambiente que é protegido da luz solar e com temperatura e umidade controlados por ventiladores e nebulizadores. Durante o estudo foi aferida a temperatura do ambiente onde as aves, ainda no caminhão, permanecem na área de espera, visando assegurar a estabilização das aves antes de seguir para as próximas etapas. A média obtida foi de 23,1°C nas caixas localizadas na fileira central do caminhão, onde é considerado o ponto mais crítico. A temperatura ideal para as aves é entre 18° e 27°C e o tempo de espera não deve exceder 2 horas (RUI *et al.*, 2011). Posteriormente, as aves são encaminhadas à plataforma para serem descarregadas. A atividade de descarga ocorre de forma manual. A sistemática de descarga manual requer uma maior atenção em relação aos procedimentos de manuseio das caixas de transporte com as aves. Capacitação da equipe de descarga é um método utilizado constantemente para manter o atendimento dos cuidados de bem-estar animal durante esta etapa, devido a isto várias falhas foram observadas, como abalroamento, descarregamento incorreto e utilização de força excessiva. Assim, para adequação deste problema será implantado uma melhoria na unidade, adotando-se o descarregamento automático, visando o bem-estar das aves o descarregamento deve ser realizado por mão-de-obra treinada, tendo todo

¹ Médica veterinária: ana.junges97@gmail.com.

² Colaboradora em frigorífico.

³ Docente no curso de graduação em Medicina Veterinária na Uceff Centro Universitário FAI: patricia@uceff.edu.br.

o cuidado para que as caixas não sofram impactos, evitando assim lesões e estresse nas aves (RUI *et al.*, 2011; ARAUJO, 2013). A busca por melhorias na etapa de descarga faz com que as empresas busquem tecnologias de descarregamento automatizado, facilitando o fluxo produtivo e mantendo o atendimento das regras de bem-estar animal. Ainda dentro das caixas de transporte, as aves são conduzidas através de esteira para a sala de pendura. A pendura é realizada por funcionários treinados, de forma que as aves sejam dispostas na nória tranquilamente, as aves são penduradas pelos pés, de forma calma, sem força excessiva. Nesta etapa, também é realizada a classificação das aves em caquéticas, aves que morreram durante o transporte e aves com lesões graves e visíveis não devem ser sangradas e sim abatidas manualmente (deslocamento cervical) e destinadas de forma correta (ARAUJO, 2013; SANTOS, SANTOS, 2017). Neste ambiente é importante manter a luz azul para manter as aves calmas, pois aves não apresentam visibilidade na luz azul (TAVERNARI *et al.*, 2012), e a ventilação controlada para que a temperatura permaneça agradável. Após penduradas na nória, as aves seguem até a próxima etapa. Na nória elas seguem sobre um apoio, um anteparo para apoiar o dorso das aves. Segundo Silveira (2013) o anteparo mantém as aves mais calmas devido ao contato, diminuindo a sensação de medo, evitando assim que as mesmas batam as asas, o que pode ocasionar lesões. As caixas de transporte, após a retirada das aves, seguem para o processo de higienização. Com o intuito de assegurar que nenhuma ave permaneça nas caixas durante o processo de pendura, a empresa conta com um sistema de sensores que identificam possíveis aves remanescentes nas caixas. As aves seguem através da nória até a cuba de insensibilização. Na cuba as aves são imersas em água até a altura das asas com corrente elétrica controlada. As aves ficam em contato com a água da cuba por cerca de 4 segundos. O tempo desde a saída das aves da cuba até que ocorra a sangria não pode ser maior que 10 segundos. Segundo Trindade (2010), a ave deve ser sangrada em no máximo 1 minuto após insensibilização. Para assegurar que o sistema de insensibilização não cause a morte da ave, testes para verificar o tempo de retorno à consciência das aves são realizados rotineiramente. O tempo médio de retorno das aves se mantém em torno de 1min43seg. A ave não deve vir a óbito na insensibilização e também não pode apresentar sinais de insensibilização fraca, que pode ser conferida na ausência de reflexo palpebral e arqueamento de pescoço (SILVEIRA, 2013). O abatedouro possui um disco de corte, que de acordo com o fabricante garante uma eficácia de 98% de sangria das aves. Para que nenhuma ave passe sem ser sangrada existem ainda dois sangradores de repasse. Além disso, no túnel de sangria, um funcionário é responsável em conferir e garantir que nenhuma ave seja direcionada à escaldagem ainda viva, o que comprometeria integralmente o bem-estar das aves. **CONCLUSÃO:** Conclui-se que o abatedouro em questão tem se mostrado capacitado em relação ao bem-estar animal.

Palavras-chave: Insensibilização. Pendura. Temperatura.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, F.G. Bem-estar e Ambiência das aves, Urutaí-GO: rede E-Tec Brasil, 102 Pag. 2013.

BONAMIGO, A.; BONAMIGO, C.B.S.S.; MOLENTO, C.F.M. Atribuições da carne de frango relevantes ao consumidor: foco em bem-estar animal. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.41, n.4, p.1044-1050, 2012.

RUI, B.R.; ANGRIMANI, D.S.R.; SILVA, M.A.A. Pontos críticos no manejo pré-abate de frangos de corte: jejum, captura, carregamento, transporte e tempo de espera no abatedouro. **Revista Ciência Rural**, Santa Maria, 2011.

SANTOS, L.R. Bem-estar animal no pré-abate de aves: Revisão bibliográfica, In SANTOS, M.M.D. Anais do Seminário de Iniciação Científica 2017, ICESP, 2017.

SILVEIRA, A.M. **Parâmetros de bem-estar animal e abate humanitário em frangos de corte**. Monografia (Pós-graduação em Produção, Tecnologia e higiene de alimentos de origem animal) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre- RS, 2013.

TAVERNARI, F.C.; ALBINO, L.F.T.; ARAÚJO, W.A.G. Manejo pré-abate de frangos de corte. **Revista CRMV**, Brasília-DF, ano 18, n.56, 2012.

TRINDADE, M.I.P. **Os métodos de atordoamento mais usados em matadouros de aves de capoeira**. 2010. Dissertação de mestrado em Medicina Veterinária - Universidade técnica de Lisboa, 2010.